

Esperança e Portaria

Rubem Braga

CONVÉM que as altas autoridades leiam e meditem o manifesto divulgado pela Cúria Metropolitana, com a assinatura do Vigário Geral da Arquidiocese do Rio de Janeiro, sobre as violências policiais contra estudantes e populares.

Eu estava em São Paulo no dia 4, quando se celebrou a missa de 7º dia pelo estudante Edson, mas tudo o que me contam pessoas que participaram dessa missa ou assistiram às correrias no centro da cidade confere com o que se lê nesse manifesto. Não houve provocação alguma por parte dos civis. Houve provocação e depois agressão por parte da polícia civil e da militar, com patas de cavalo, sabres, cassetetes e bombas de gás lacrimogênio lançadas contra os que saíam da missa. Só por acaso não houve mortes. Cenas vergonhosas de covardia e selvajaria foram presenciadas por muitas pessoas com quem estive. O Exército, cujos chefes comandavam essa lamentável ação, não entrou diretamente na luta, apenas compareceu com um aparato desproporcionado e feroz.

Já escrevi que não vejo com alegria essa agitação e muito menos esse abismo que se cava entre o povo e as Forças Armadas. É preciso dizer, entretanto, que a culpa é das autoridades e não dos estudantes. É inegável que, além dos «tiras» que fazem provocações no meio dos estudantes, e que em alguns casos estes desmascararam, há estudantes inclinados à provocação e à violência, São radicais ou apaixonados. Existem; mas são minoria, e minoria que os líderes da maioria controlam com bastante facilidade. A prova disso está na ordem que reinou durante o entêrro de Edson Luis no Rio e a grande passeata dos estudantes paulistas; quando não houve polícia nem tropa, não houve desordem. Os jovens líderes estudantis revelaram uma capacidade admirável de controlar a multidão e impedir excessos.

Não vejo porque o governo não possa nomear um ministro da Educação capaz de dialogar com esses moços, dar-lhes meios de atender às suas principais reivindicações e iniciar uma campanha de boa-vontade para superar esse clima de revolta, de ressentimento, de guerra. Não acredito que o presidente Costa e Silva se sinta feliz atrás de seus canhões e de seus tanques; sabe-se que não é cômodo para governo algum sentar-se sobre as baionetas. A própria esposa do presidente já manifestou mais de uma vez o propósito de resolver um dos mais lamentáveis problemas de nosso ensino, que é o dos excedentes. Não duvidamos de sua sinceridade, mas pouco ou quase nada fez. Alega-se que há falta de meios, que o ministro Delfim não solta a nota. Pergunto se faltaram meios para essa monstruosa movimentação militar, e qual foi o prejuízo causado aos cofres públicos pela queda da arrecadação nestes primeiros dias de abril e quanto sofreu a economia do país, e quanto diminuiu a confiança no exterior.

Se desviamos os olhos um instante desta triste paisagem brasileira e nos voltamos para os Estados Unidos, o nosso sentimento é ao mesmo tempo de alívio e de vergonha. Alívio porque as diferenças e os preconceitos de raça não criaram entre nós um problema tão dramático e difícil; vergonha porque, tendo a sorte de não possuir problemas assim, vivemos em permanente estado de guerra, guerra dos espíritos, de ressentimentos, de incompreensões.

Não haverá no governo quem seja capaz de lhe inspirar um grande gesto, um *beau geste*, capaz de unir os brasileiros?

Faço esta pergunta esperançosa e ingênua. A resposta é essa confusa, mesquinha, contraditória e velhaca portaria do sr. ministro da Justiça...

DN 7.4.68